

NOTA

Ao longo dos anos, a Assessoria de Comunicação Social da Ufac produz jornais ou informativos que refletem as notícias em destaque na academia. Esse material impresso passa por modificações em seu projeto gráfico e diagramação com o decorrer do tempo. **Ufac Hoje** é continuação, com novo visual, do "Jornal da Universidade Federal do Acre", cuja última edição data de outubro de 2012, nº 13.

Mais informações sobre a instituição podem ser obtidas pelo site ufac.br. Sugestão de pauta referente à Ufac e seus diversos setores pode ser enviada ao e-mail ascom@ufac.br.

AVE é a doença que mais mata no Brasil

Hoje, o Acidente Vascular Encefálico (AVE) é responsável pela primeira causa de mortes registradas no Brasil, estando à frente do infarto do miocárdio (doenças coronárias) e dos tumores malignos (neoplasias). Professor de medicina da Ufac, Giovanni Casseb, diz que "é todo o sistema encefálico que fica comprometido". **SAÚDE/PÁG. 5**

Economista explica perigos do crédito consignado

Os empréstimos são descontados em folha de pagamento de profissionais empregados ou aposentados. Fazer um empréstimo reduz a disponibilidade de renda e o consumidor deve se conscientizar disso para não se endividar ainda mais. **GERAL/PÁG. 3**

Campus Floresta sedia evento internacional em agroecologia



Participantes do simpósio visitam zona rural no Juruá

Cruzeiro do Sul recebeu, em março, o 1º Simpósio Internacional de Agroecologia do Acre, tematizando os desafios e perspectivas futuras da agroecologia na Amazônia Ocidental. O evento foi realizado por diversas instituições: Ufac,

Incra, Embrapa, Ifac e empresas Ciga e Consulplan, objetivando traçar diretrizes para o desenvolvimento agrícola familiar no Estado. Contou com minicursos no campus Floresta e visitas técnicas em áreas de produtores rurais. **PÁG. 4**

Ufac investe em limpeza, obras e contratações



Glauco Capper/Ascom-Ufac

▲ **Limpeza.** Açude no campus Rio Branco, próximo ao Arquivo Geral, é revitalizado com retirada de entulhos e servirá para criação de pirarucu

Desde o final de 2012 a Ufac investe na contratação de novos servidores, na limpeza dos seus "campi" e no aprimoramento de sua infraestrutura. Foram empossados pelo reitor Minoru Kinpara e pela vice-reitora Guida Aquino 71 docentes e 82 técnico-administrativos nesse período.

Entre outros serviços e realizações, destacam-se a instalação de aparelhos de ar-condicionado em salas de aula; a reforma da Biblioteca Central; a distribuição de garrafinhas tipo "squeezes" para substituir copos descartáveis; o oferecimento de café da manhã no RU ao preço de R\$ 1;

a troca de mobiliário de setores administrativos; e a criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proaes). Além disso, o MEC garantiu recursos no valor de R\$ 74,2 milhões para a Ufac, os quais serão investidos no biênio 2013-2014.

INFRAESTRUTURA/PÁGS. 6 E 7

Francisco Dandão/Ascom-Ufac



Francisco Bento, professor da Ufac

Historiador analisa o Acre como terra de degredados

PESQUISA/PÁG. 12

Deficiente visual forma-se em Química pela Ufac

ENSINO/PÁG. 8

Editora da Ufac comemora 10 anos de existência

PÁG. 9

Entrevista com professor Tadeu Melo da Silva

PÁG. 11

Glauco Capper/Ascom-Ufac

ARTIGO/cota para negros

Ilustração IGOR RICARDO

SIM



Para além de uma problemática social

* **GERSON R. ALBUQUERQUE**

Ao morrer com idade bem próxima aos cem anos, minha avó, mãe de minha mãe, era o símbolo que poucos ou nenhum de nós, seus filhos, netos e bisnetos, compreendíamos. Negra, filha de pai negro e mãe cabocla, com todos os seus modos de ser e de ver o mundo, seu corpo (aparência e consciência) gritava aos nossos ouvidos surdos nossa condição das muitas misturas étnico-culturais que deram origem às Amazônias, nossa inexorável condição de sendo, essa fina película que confere sentido à noção de criouliização cantada pelo poeta e filósofo martinicano Édouard Glissant.

Convivíamos com este-reótipos cristalizados, denunciando, sem percebermos, nosso lugar num mundo marcado pela banalização de preconceitos. Um mundo em que, não obstante a cor de nossa pele, éramos todos afro-americanos, afro-indígenas ou, no dizer de Caetano Veloso, “quase pretos” ou “quase brancos quase pretos de tão pobres” ou, acrescento, “quase índios”.

Tal condição invadia nossas subjetividades, nosso psicológico, refletindo uma condição social em que se vivia do mínimo possível, muito embora, sem sombras de dúvidas, era menos dolorosa do que a daqueles que nada tinham. Mas não era apenas isso o que estava em questão, posto que, observando do ponto de vista subjetivo, as condições reais de existência atingiam inexoravelmente os “quase pretos”, os “pardos”, os “pretos” e os “quase índios” muito mais que os “quase brancos”, os “amarelos”, os “oxigenados”. Isso porque não se pode esquecer que o olhar do “outro” passa a ter um peso preponderante quando o “eu”, por alguma razão, se sente inferior, momentos em que a baixa estima exerce papel crucial. Em nossas experiências infanto-juvenis, a cor da pele ou a textura dos cabelos nos ensinava amargamente que, na maioria das vezes, o que preponderava era a questão racial, muito mais que a social.

Lembro-me de uma situação, em 1980, quando estudávamos o ensino de segundo grau, no Ceseme (atual Colégio Estadual Barão do Rio Branco), após sair o resultado da prova final de desenho, momento de tensão em que descobríamos quem estava aprovado ou quem ficava de recuperação. Em plena sala de aula, ao término da entrega das notas, o professor anunciou meu nome, entre mais dois ou três outros alunos, aos quais, do alto de sua autoridade e complacência, daria os dez ou quinze décimos que

faltavam para não ficarmos em recuperação na sua matéria. Após o anúncio, uma de nossas colegas que estava entre os aprovados, com as melhores notas, indagou ao professor porque ele daria nota para mim e outros dois e não para um quarto colega que estava na mesma situação. Passo seguinte, a mesma moça respondeu, com nova e intrigante pergunta: “Por que ele é preto e esses aí são brancos?”.

Não guardei na memória a resposta do professor, se é que ele tinha algo a responder, posto que tal questionamento, partindo de uma moça de classe média, me chamou profunda atenção, especialmente porque, naquele específico contexto, sabendo de minhas inseguranças, eu jamais faria tal pergunta pela força de seu significado e pelo despertar para uma questão crucial que, até aquele momento, não fazia parte de meu universo mental. Ali, naquela insólita sala de aula de uma cidade amazônica, marcada pela forte presença discursiva da inexistência de negros em sua história, descobri, pela primeira e inesquecível vez, que a questão central não era social e que o racismo do Estado brasileiro, tão fortemente acentuado na prática discricionária de meu professor de desenho, se reatualizava dos estereótipos que guiavam nossas subjetividades e a vergonha que sentíamos de sermos todos pretos ou “quase pretos” ou “quase brancos” ou “quase índios”.

O fato é que as oportunidades não são coisas dadas ou neutras que estão aí à disposição de todos em pé de igualdade, principalmente quando se trata do mundo da escola e das possibilidades de ingresso na universidade. Durante parte considerável dos meus anos de faculdade, foram poucos e raros os reencontros com ex-colegas do ginásio ou do segundo grau. A maioria das “cunhãs”, “marrons”, “macacas pretas”, “mulatinhas”, “moreninhas”, “Chicas pretas”, “negas do leite” e “pretinhas” de minha família e do entorno do bairro

em que me criei ficaram no meio do caminho, atropeladas ou retidas pelas vicissitudes do mundo da escola e, sobretudo, pelos vestibulos que lhes cercaram a possibilidade de acesso ao ensino superior.

Levando em consideração minha trajetória pessoal e o momento político em que vivemos, sou a favor das cotas não como um fim em si, mas como um meio para, nas condições históricas em que nos encontramos, minimizar o fosso que separa e distancia pretos, “quase pretos”, “quase brancos”, “brancos pobres”, “quase índios”, indígenas e afro-indígenas da universidade e do direito ao ensino superior público, gratuito e de qualidade. Mais que resolver o problema, penso que o impacto da política de cotas pode possibilitar significativas discussões sobre o aspecto central da questão do racismo, que ainda é muito forte na sociedade brasileira, e, principalmente, o fato de que, passados quase vinte e cinco anos da promulgação da Constituição de 1988, o Estado brasileiro ainda não tenha sido capaz de assumir a responsabilidade de assegurar o ensino superior público e gratuito para todos os estudantes que, ao concluir o ensino médio, queiram ingressar na universidade.

Não pretendo, com isso, argumentar que essa lógica deva prevalecer de forma totalitária sobre outros modos de pensar e analisar a questão. Porém, penso que, no atual contexto, aqueles que são contrários a uma política de cotas — não me refiro a proposições eleitoreiras — nas universidades públicas, o fazem por não querer enfrentar os fantasmas de seus próprios preconceitos e as chagas do racismo que ainda predomina no Brasil. Não obstante, posicionam-se em defesa de uma falsa universalidade e em nome de uma democracia falaciosa porque pautada naquela espécie de “igualdade que reina entre o vendedor e o comprador de uma mercadoria”, essa lei máxima do “indivíduo preocupado apenas com a satisfação de seus desejos”, ocultando que o que está em jogo “é o triunfo do mercado em todas as relações humanas”, como pontua Jacques Rancière (2012), em instigante ensaio intitulado “O espectador emancipado”.

Para finalizar, devo ressaltar que não acredito e nem defendo a tese essencialista e essencializante do “negro em si”, tomando como



base a dimensão biológica da cor da pele ou determinadas formas de expressão cultural, como afirmam muitos daquilo que tem sido definido ou auto-definido como “movimento negro acreano”, ao insistir na lógica binária do quem é versus quem não é negro. Somos seres das muitas misturas étnicas, culturais e linguísticas e, absolutamente, nada pode mudar isso. O que nos singulariza é nossa condição humana e tal singularidade somente ganha força e sentido com a afirmação, o reconhecimento e o pleno respeito às nossas infinitas diferenças, à condição plural de nossa mundanidade, no dizer de Hannah Arendt.

Toda a nossa força e capacidade de mobilização e intervenção política para assegurar o amplo acesso ao ensino público, gratuito e de qualidade em todos os níveis depende disso. Nesse processo, sem as ingenuidades essencialistas, as significações e ressignificações sobre nossas trajetórias exercem papel fundamental, posto que, no dizer de Stuart Hall, “é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos”.

* Professor do Centro de Educação, Letras e Artes (Cela) da Ufac.



Compromisso com a sociedade

Nossa satisfação é redobrada neste ano letivo de 2013, momento em que recebemos cerca de 2.000 novos estudantes para os 45 cursos da Ufac. Parabenzamos todos por essa grande vitória. Aproveitamos para lhes desejar boa sorte nesta fase de suas vidas. Que a mesma disposição que os trouxe até aqui seja o estímulo para um estudo centrado e dedicado.

Temos a consciência de que essa alegria caminha com uma grande responsabilidade: contribuir para a edificação da sociedade que investiu, por meio de impostos pagos

pelos cidadãos, numa universidade pública e gratuita. Nossa gestão e os estudantes têm a obrigação ética e moral de produzir as respostas que a sociedade espera.

Assim, no equilíbrio dos deveres e dos direitos concernentes à vida acadêmica, desejamos que os novos alunos, ao lado dos que aqui já se encontram, saibam conduzir, de maneira tranquila, os cursos de sua escolha. Que sejam todos bem-vindos! Estamos, permanentemente, abertos ao diálogo, de modo a engrandecer a nossa Ufac.

Minoru Kinpara, reitor da Ufac.

Expediente

Ufac Hoje
 Editor: Francisco de Moura Pinheiro (MTB-AC 085)
 Redação: Aquinei Timóteo, Francisco Dandão, Márcio Chocorosqui
 Fotos: Allen Ferraz, Aquinei Timóteo, Francisco Dandão, Glauco Capper, Natércia Damasceno
 Revisão: Márcio Chocorosqui
 Projeto gráfico e diagramação: Antonio Queiroz
 Impressão: Gráfica e Editora Estrela
 Tiragem: 3.000 exemplares
 Distribuição gratuita

Ufac
 Reitor: Minoru Kinpara
 Vice-reitor: Guida Aquino
 Assessor de comunicação social: Aquinei Timóteo
 Ufac • Campus Rio Branco
 BR 364, km 4 • Distrito Industrial
 Caixa Postal 500 • 69920-900
 Rio Branco-AC
 www.ufac.br
 ascom@ufac.br

▼ CONSUMO

Economista da Ufac explica perigos do crédito consignado

Planejamento familiar ainda é a melhor maneira de não comprometer o salário, evitando acúmulo de dívidas

Ao fazer empréstimo com desconto em folha de pagamento, o consumidor deve estar atento ao cálculo dos juros

J. AQUINEI TIMÓTEO
aquinei@ufac.br

Conceitualmente, o crédito consignado consiste na autorização de débito diretamente na folha de pagamento (contracheque) de profissionais empregados ou subtração dos benefícios a receber, no caso de aposentados, da prestação mensal decorrente de um empréstimo feito.

Para o credor (pessoa jurídica), essa modalidade é muito segura e propicia uma garantia grande de recebimento do valor emprestado. Por isso mesmo,

é uma das alternativas com juros menores do que os praticados em outras modalidades, como o Crédito Direto ao Consumidor (CDC). As consignações também representam uma das alternativas de crédito de mais fácil contratação no mercado.

Como qualquer alternativa de financiamento, as consignações exigem educação financeira. Em palavras mais simples: planejamento financeiro. E o problema reside exatamente na falta dessa educação por parte da maioria dos consumidores.

Segundo o professor do curso de Economia da Ufac, Carlos Estevão, esses empréstimos são contraídos, geralmente, para pagamento de dívidas já contraídas ou para consumo. A falta de planejamento financeiro pode cau-



Acervo pessoal

...sar, a quem faz empréstimos, sérios problemas em suas finanças pessoais. "Por isso a dica maior é: pense antes de fazer. Isso é planejamento. O simples fato de pensar antes de tomar uma decisão aumenta a possibilidade de sucesso em até 60%", ressalta o professor.

Fazer empréstimos consignados reduz a disponibilidade de renda e o consumidor deve estar ciente disso para não entrar em um processo de endividamento ainda maior. Se não tiver planejamento, pode complicar ainda mais sua vida financeira, levando a implicações, inclusive, na vida pessoal.

Sair de ciladas, como os créditos consignados e os empréstimos, só é possível com planejamento. É sim-

▲ Dica. Professor e economista Carlos Estevão considera educação financeira solução para sair do vermelho

...ples, mas não é fácil (devido à falta de hábito da maioria das pessoas). Quanto ao cálculo das taxas, não é um processo simples, principalmente para quem não é especialista. Isso porque, no mercado, existem as taxas mentirosas e as verdadeiras. E, na maioria dos casos, a mentirosa é a taxa apresentada ao consumidor. "Refiro-me às taxas efetivas e nominais. A saída para descobrir é perguntar ao gerente qual a taxa efetiva da operação. A taxa efetiva é aquela que o devedor vai, verdadeiramente, suportar.



O simples fato de pensar antes de tomar uma decisão aumenta a possibilidade de sucesso em até **60%**

Carlos Estevão
professor da Ufac

Se isso não for perguntado, o gerente certamente destacará a taxa nominal (que na maioria dos casos é menor)", explica Estevão.

Para pessoas que já possuem o hábito de fazer planejamento financeiro, realizar uma poupança para emergências é uma boa opção. "Eu recomendaria a todos. A ideia é guardar em uma conta que renda juros de 5% a 30% de seus rendimentos, todos os meses, sempre que possível", aconselha o economista.

Para sair do vermelho, Estevão vê só uma alternativa: educação financeira. E para isso, deve-se começar anotando todas as despesas. Identificando as que são fixas e as que variam (as receitas também). Depois de anotar, o passo seguinte é gerenciar as despesas, buscando diminuí-las, sempre que possível. "O fato de anotar propicia maior visibilidade. Isso é o primeiro passo para uma vida financeira saudável. É o que eu chamei de pensar antes, escrevendo", finaliza o professor.

▼ EXPANSÃO

Ufac projeta grandes obras de infraestrutura para 2013 e 2014

Cerca de R\$ 80 milhões serão investidos nos "campi" da Ufac, inclusive na criação de campus em Brasileia

Destacam-se, em Rio Branco, a ampliação do RU e a construção de centro de pesquisa para o curso de Veterinária

J. FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Os próximos dois anos prometem ser pródigos no que diz respeito à execução de obras de infraestrutura nos "campi" da Ufac. Para isso, já foram alocados quase R\$ 80 milhões, uma parte oriundos do orçamento do Ministério da Educação (MEC) e outra parte (R\$ 1,7 milhão) proveniente de emendas parlamentares de iniciativa do deputado federal Sibá Machado (PT-AC).

No campus Rio Branco, com os projetos já aprovados pelo MEC, serão executados, entre outros, os seguintes serviços: construção de prédios de salas de aula e de salas para professores; ampliação do Restaurante Universitário; recuperação do sistema viário; reforma e modernização de laboratórios; recuperação do Centro de Antropologia Indígena; e ampliação da rede de

abastecimento de água e esgoto.

Em Brasileia, o campus vai se chamar Fronteira do Alto Acre, com a proposta de atender às cidades (Epitaciolândia, Xapuri e Assis Brasil) localizadas naquela região. A ordem de serviço para construção desse campus foi assinada no mês de fevereiro pelo reitor Minoru Kinpara. Serão construídas, inicialmente, salas de aula e salas para serviço administrativo, num espaço de, aproximadamente, 1.500 metros quadrados.

Há muito tempo que a construção de um campus em Brasileia é um projeto almejado pela população



só a educação tem o poder de desenvolver o mundo

Everaldo Gomes
prefeito de Brasileia

local. Não foram poucas as personalidades que louvaram a iniciativa da Ufac. Caso do prefeito de Brasileia, Everaldo Gomes, para quem "só a educação tem o poder de desenvolver o mundo. E a realização dessa obra no município fará com que nossa educação tenha um avanço inestimável".

Para a ex-prefeita Leila Galvão, em cuja gestão surgiram as primeiras demandas para a construção de um campus em Brasileia, tal conquista somente foi possível devido à articulação política empreendida no passado, envolvendo autoridades de todos os níveis. "A união das forças políticas acreanas é que permitiu esse passo que damos agora para a materialização desse sonho", afirmou a ex-dirigente municipal.

Quanto ao processo de interiorização da Ufac, de acordo com o reitor Minoru Kinpara, isso não seria possível sem as parcerias com o Estado e com os municípios. "A universidade participa da formação de mais de 90% dos professores do Acre. Nesse sentido, a construção de um campus no interior é de extre-

...ma importância, uma vez que leva a formação ao próprio lugar de origem do aluno", disse o reitor.

Construções em andamento

Além de obras com início previsto nos próximos dias, outras quatro, que vão listadas abaixo, encontram-se em estágio avançado no campus Rio Branco da Ufac.

Construção do alojamento

Cainam: prédio com 312 metros quadrados, contendo sala e cozinha para uso comum, dez apartamentos com banheiros individualizados, para atendimento de atividades de pesquisa e extensão do Centro de Antropologia Indígena da Amazônia Ocidental (Cainam).

Construção de blocos padrão

1, 2 e 3: prédios com dois pisos e área total de 1.534 metros quadrados, constituindo-se de oito salas de aula, medindo 70 metros quadrados (quatro por andar), e mais outras nove salas por andar, que podem ser utilizadas para administração, docência e reuniões, além de bateria de banheiros.



A universidade participa da formação de mais de **90%** dos professores do Acre. Nesse sentido, a construção de um campus no interior é de extrema importância, uma vez que leva a formação ao próprio lugar de origem do aluno

Minoru Kinpara
reitor da Ufac

Construção do Centro de Estudos e Pesquisas em Veterinária:

prédio de dois pavimentos e área total de 1.795 metros quadrados, para atender o curso de Medicina Veterinária. São 24 ambientes, distribuídos em três salas de aula, auditório para 50 pessoas, 19 salas para laboratório, câmara fria, baia para animais, lavanderia e salas administrativas.

Reforma da Biblioteca Central: troca de pisos e esquadrias, reforma de banheiros e climatização geral do espaço.

▼ ECOLOGIA

Campus Floresta sedia 1º Simpósio Internacional de Agroecologia do Acre

Evento organizado por várias instituições contou com minicursos e visitas técnicas em áreas de produtores rurais

Ações em agroecologia estimulam produtores rurais; 'adubo verde', por exemplo, produz efeito a um baixo custo

1 AQUINEI TIMÓTEO
aquinei@ufac.br

A Ufac sediou de 10 a 13 de março, no Teatro dos Náguas, em Cruzeiro do Sul, o 1º Simpósio Internacional de Agroecologia do Acre. Com o tema "A agroecologia na Amazônia Ocidental: desafios e perspectivas para o futuro", o evento buscou traçar diretrizes para o desenvolvimento agrícola familiar no Estado, bem como aproximar os experimentos das instituições de pesquisa e aplicá-los de forma sustentável à vida dos agricultores.

O simpósio foi uma realização da Ufac (campus Floresta); Instituto Nacional de Colonização Agrária (Incrá-AC) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa-AC), vinculados ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifac) e empresas Ciga e Consulplan, contratadas pelo Incra para prestar assistência técnica a 7,5 mil famílias de 62 projetos de reforma agrária, localizados em 16 municípios do Acre.

Também foram realizados 12 minicursos no campus Floresta, além de visitas técnicas em áreas de produtores rurais. Participaram do evento agricultores assentados da reforma agrária, extensionistas, estudantes e pesquisadores.

'Adubo verde'

Os agricultores familiares estão otimistas com os resultados alcançados com as ações em agroecologia desenvolvidas em parceria com as instituições de pesquisa, como a Ufac, o Incra e a Embrapa.

Para a agricultora Maria Jurgleide Santos Lima, da colônia Santa Luzia, comunidade Narciso Assunção, "é muito bom ter o apoio técnico que nos ajude. Assim, podemos ter uma renda e um produto saudável. Nós usamos a terra sem acabar com ela", destacou.

O incentivo ao uso do adubo verde — mucuna, por exemplo — entre os produtores rurais serve para a recuperação da fertilidade do solo a um custo baixo. A mucuna retira o nitrogênio do ar, aduba o solo e se constitui em uma excelente alternativa para substituir o uso do fogo nas propriedades rurais, além de ser uma opção de renda, com a venda de suas sementes.

Para o agricultor Adalberto Camilo Bezerra, do Projeto de Assentamento Tocantins, em Cruzeiro do Sul, a adoção de adubo verde, como a mucuna, melhorou o seu plantio de banana, milho, arroz e feijão.



Allen Ferraz/Ascom-Ufac

▲ **Participação.** Teatro dos Náguas, em Cruzeiro do Sul, lotou com agricultores assentados, extensionistas, estudantes e pesquisadores

"Conseguimos melhorar a nossa produção sem o uso de agrotóxico, e isso garante um produto melhor e mais saudável para os consumidores. Por isso acho muito importante essa parceria que nós temos com a Ufac e com o Incra, para que possamos ter mais conhecimento e também para produzir sem agredir o meio ambiente", ressaltou.

Produtor de Mâncio Lima aumenta produção sem utilizar defensivos agrícolas

Como parte das atividades do simpósio, pesquisadores, agricultores e assentados fizeram, no dia 12 de março, visita técnica à propriedade Frango Norte, na estrada de Mâncio Lima, no bairro Pé da Terra, do produtor rural José da Silva Santos Filho. Nos 30 hectares que correspondem à sua propriedade, José da Silva utiliza 70% da área para plantar melancia, tomate, pimentão-de-cheiro, limão, laranja, acerola, pepino, lima, laranja, mamão e banana. A renda alcançada com o cultivo de frutas e hortaliças é complementada com criação de galinhas, suínos e com a venda de ovos.

Segundo o produtor, sua lavoura não utiliza nenhum tipo de agrotóxico ou defensivo agrícola. Em sua propriedade são utilizados adubos naturais, como esterco de galinha e restos de folhas. O agricultor garante que não falta mercado e que sua produção de ovos já abastece os comércios de Marechal Thaumaturgo, Rodrigues Alves e Ipixuna, no Amazonas.

Contudo, o produto mais rentável de sua propriedade é o mamão.

Nos mercados de Cruzeiro do Sul e Mâncio Lima a caixa do produto é vendida a R\$ 30. "O meu produto é diferente dos outros que vêm de fora do Estado porque não utilizo adubo químico. É um produto mais saudável. Eu quero ganhar o meu dinheiro, mas também quero a saúde do meu consumidor", declarou José da Silva.

Hoje, a propriedade Frango Norte conta com seis funcionários. José da Silva traça sonhos maiores. Quer aumentar sua produção de mamão, com o plantio de 10 mil novas mudas. A meta é levar os produtos aos mercados de Rio Branco, Brasileira, Feijó e Tarauacá. "É um desafio, mas o meu produto tem potencial: ele é 100% natural, livre de agrotóxicos", animou-se o produtor.

Agroecologia

A agroecologia é uma ciência que segue princípios ecológicos básicos e ao mesmo tempo produtivos, economicamente viáveis, que preservem o meio ambiente e que sejam socialmente justos.

A Embrapa levou para o simpósio o pesquisador Alfredo Kingo Oyama Homma, da Embrapa Amazônia Oriental (Belém-PA). No dia 10 de março, ele fez a palestra de abertura, com o tema "Agroecologia na Amazônia: desafios e perspectivas para o futuro".

Também participou do evento o pesquisador Carlos Alberto Medeiros, da Embrapa Clima Temperado (Pelotas-RS), coordenador do projeto "Transição agroecológica: construção participativa do conhecimento para a sustentabilidade", que integra 25 unidades da empre-

sa e outras 29 instituições, dentre associações e cooperativas de agricultores, universidades, órgãos de assistência técnica e institutos de pesquisa.

Medeiros falou sobre agroecologia e extensão rural. Também participaram do evento o pesquisador da Embrapa Hortaliças (Brasília-DF), Ronessa Bartolomeu de Souza, que ministrou um minicurso sobre técnica de produção para olericultura agroecológica na Amazônia.

O evento contou com a participação de pesquisadores da Ufac, do Ifac, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), assim como do Centro Agronômico Tropical de Pesquisa e Ensino (Catie), da Costa Rica, e do Centro para la Investigación en Sistemas Sostenibles de Producción Agropecuaria (Cipav), da Colômbia.

O simpósio integra as ações de um projeto de pesquisa sobre agroecologia, executado, desde 2009, no Vale do Juruá, pelo Incra e pela Ufac, com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

“

Conseguimos melhorar a nossa produção sem o uso de agrotóxico, e isso garante um produto melhor e mais saudável para os consumidores. Por isso acho muito importante essa parceria que nós temos com a Ufac e com o Incra

Adalberto Camilo Bezerra
produtor rural - Cruzeiro do Sul

“

O meu produto é diferente dos outros que vêm de fora do Estado porque não utilizo adubo químico

José da Silva
produtor rural - Mâncio Lima

AVE é a doença que mais mata no Brasil

30% das pessoas que sofrem um derrame tornam-se dependentes e improdutivas, com alterações físicas visíveis

Alimentação balanceada, sem excesso de sal e gordura, e prática habitual de exercícios físicos previnem AVE

1. AQUINEI TIMÓTEO
aquinei@ufac.br

O tenente da Polícia Militar, José Mota da Silva, 52, levantou-se cedo. Fez sua caminhada matinal.

Às 7h já estava em sua casa no Conjunto Tucumã 2, em Rio Branco-AC. Pediu que a esposa Lucilene Anastácio de Carvalho fizesse o mingau de banana de que ele tanto gosta. Tomou banho. Vestiu a farda. Bebeu rapidamente o mingau. Foi para o quartel.

Às 12h30, o telefone tocou na casa nº 12, da rua 5. Lucilene atendeu. A voz no outro lado da linha anunciou: "Seu marido está em coma no hospital!" José Mota da Silva teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC), conhecido popularmente como derrame. "Eu fiquei perdida", conta Lucilene. "Eu tive um impacto quando o vi no hospital, com parte do corpo paralisada. A médica me disse que era um AVC", completa.

Apesar dos exercícios diários, o tenente Silva sofria com problemas de pressão alta. "Quando tudo aconteceu, a médica me disse que a pressão dele chegou a 19!", relata Lucilene. A doença deixou sequelas. Hoje, o militar tem dificuldade para falar e o lado direito do corpo está parcialmente paralisado.

Atualmente, o AVC é responsável pela primeira causa de mortes registradas no Brasil. Estando à frente do infarto do miocárdio (doenças coronárias) e dos tumores malignos (neoplasias).

Segundo o professor de Medicina da Ufac, Giovanni Casseb, especialista em Terapia Intensiva pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira, a sigla AVC tem caído em desuso pela comunidade médica. Atualmente, opta-se por utilizar Acidente Vascular Encefálico (AVE). "Na verdade, é todo o sistema encefálico que fica comprometido, e não apenas o cérebro", explica Casseb.

O AVE atinge 16 milhões de pessoas no mundo a cada ano. Destes, 6 milhões morrem; isto é, 38% dos pacientes. Os sintomas mais comuns do AVE são: perda de força muscular de um lado do corpo; fala enrolada; desvio da boca para um lado do rosto; sensação de formigamento no braço; dores de cabeça



▲ **Sobrevivente.** José Mota da Silva ao lado da esposa Lucilene de Carvalho.

súbita ou intensa; tontura, náusea e vômito. "Dos que sobrevivem ao AVE, até 30% tornam-se dependentes e improdutivos. Há um predomínio pelo sexo masculino, dentre os indivíduos acometidos", salienta o médico e professor Casseb.

Os dois grandes grupos de AVE são os isquêmicos e os hemorrágicos. No isquêmico há a obstrução de um vaso sanguíneo cerebral, levando à diminuição da circulação em determinada região do cérebro. No hemorrágico acontece a ruptura de um vaso sanguíneo, com sangramento dentro do cérebro. Os principais fatores de risco são a hipertensão, o diabetes, o colesterol elevado e o tabagismo.

Principais causas da doença

Segundo Casseb, doenças como hipertensão, diabetes, alterações no colesterol e na taxa de lipídios aceleram o envelhecimento vascular, causando uma doença chamada aterosclerose (depósito de gorduras nas artérias). Esses fatores aumentam as chances de a pessoa ter obstruções ou rupturas de vasos sanguíneos e, também, as chances de se ter um AVE.

Conforme recomenda Casseb, é



▲ **Especialista.** Professor Giovanni Casseb explica sintomas e prevenção do AVE

importante estar atento aos primeiros sinais do problema. Os sintomas apontam qual área do cérebro foi afetada. Quando são do hemisfério esquerdo do cérebro, ocorrem alterações de força, sensibilidade, perda de visão do lado direito do corpo e, ainda, problemas na linguagem e na fala. Isquemias ou hemorragias no lado direito do cérebro são percebidas no lado esquerdo do corpo, também com alterações na visão, na sensibilidade e na força, mas sem alterações na linguagem. AVE na parte de trás do cérebro provoca alterações do equilíbrio e da capacidade de se manter em pé, da movimentação do rosto e do movimento ocular.

Cuidados com a saúde

A prevenção é garantida por meio da mudança dos hábitos de vida, sempre de olho nos possíveis fatores de risco: tabagismo, hipertensão arterial, diabetes, obesidade, sedentarismo, aterosclerose. "O segredo é alimentação balanceada (evitar o consumo de sal e gordura, em excesso) e manter atividade física regular. Obviamente que a medicina, hoje em dia, é muito mais preventiva do que curativa. Então, procure um médico e faça seu check-up regularmente", finaliza Casseb.

Acidente Vascular Encefálico

O AVE ou derrame cerebral ocorre quando há um entupimento ou o rompimento dos vasos que levam sangue ao cérebro, provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea adequada.

Tipos de AVE



Isquêmico: entupimento dos vasos que levam sangue ao cérebro

Hemorrágico: rompimento do vaso provocando sangramento no cérebro

Sintomas

- Diminuição ou perda súbita da força na face, braço ou perna de um lado do corpo;
- Alteração súbita da sensibilidade com sensação de formigamento na face, braço ou perna de um lado do corpo;
- Perda súbita de visão num olho ou nos dois olhos;
- Alteração aguda da fala, incluindo dificuldade para articular, expressar ou para compreender a linguagem;
- Dor de cabeça súbita e intensa sem causa aparente;
- Instabilidade, vertigem súbita intensa e desequilíbrio associado a náuseas ou vômitos.

Prevenção

Muitos fatores de risco contribuem para o seu aparecimento. Alguns desses fatores não podem ser modificados, como a idade, a constituição genética e o sexo. Outros fatores, entretanto, podem ser diagnosticados e tratados, tais como a hipertensão arterial (pressão alta), o diabetes *mellitus*, as doenças cardíacas, a enxaqueca, o uso de anticoncepcionais hormonais, a ingestão de bebidas alcoólicas, o fumo, o sedentarismo (falta de atividades físicas) e a obesidade. A adequação dos hábitos de vida diária é primordial para a prevenção do AVE.

CONQUISTAS

Ufac investe em qualificação profissional, limpeza e obras estruturais

Em 6 meses de gestão, Minoru Kinpara e Guida Aquino alcançaram conquistas substanciais para a universidade

Destaque para instalação de aparelhos de ar condicionado em salas de aula e serviço de café da manhã no RU

1 DA REDAÇÃO
ascom@ufac.br

O reitor da Ufac, Minoru Kinpara e a vice-reitora Guida Aquino mantêm, desde que assumiram seus cargos, reuniões regulares para avaliar propostas, recursos financeiros e investimentos alocados para a instituição. Nos seis primeiros meses, a universidade alcançou significativas mudanças, destacando-se a limpeza dos "campi" de Rio Branco e de Cruzeiro do Sul, a construção de novos prédios e a climatização das salas de aula.

Para o reitor, as melhorias são fruto de diálogos constantes com a comunidade acadêmica e também do planejamento estratégico. "A finalidade do planejamento é definir aonde nós queremos chegar e mostrar também a universidade que queremos, monitorando e planejando com ações concretas, delimitando as necessidades prioritárias da instituição. Dessa forma, conseguimos abranger alunos, professores e funcionários de forma equânime", disse Kinpara.

Ele ressalta que o diálogo tem sido o elemento primordial para a consolidação de uma universidade mais efetiva, democrática e atuante. "O envolvimento, a discussão e o debate ajudam na definição de nossos propósitos, que é a formação de uma universidade amazônica de qualidade", frisou.

As mudanças já podem ser percebidas na Ufac, com a realização da manutenção e recuperação da iluminação, café da manhã oferecido aos estudantes no Restaurante Universitário (RU), mais vagas de mestrado e doutorado e, também, com a posse de novos servidores.

1

Distribuição de garrafinhas em substituição aos copos descartáveis

A instituição iniciou, em fevereiro, a entrega das garrafinhas tipo *squeezes* para seus estudantes, funcionários e professores. Foram distribuídas mais de 9,2 mil garrafinhas para a comunidade acadêmica.

"A entrega das *squeezes* é um ato simples, mas bastante significativo, porque implica na mudança e na consolidação de uma universidade ambientalmente sustentável e que prioriza a agenda ambiental na administração pública. Esta atividade faz parte de um conjunto de outras ações que iremos implementar, como a coleta seletiva e o controle do gasto de energia elétrica", explicou o reitor.

Todos os estudantes e os servidores, incluindo professores e técnico-administrativos, ganharam uma *squeeze* personalizada com a marca da Ufac. A proposta de abandonar, gradativamente, a utilização de copos de plástico está relacionada tanto com a economia de recursos financeiros quanto com a preocupação social e ambiental da instituição. Outro ponto positivo alcançado com a adoção das *squeezes* é a redução da produção de lixo. "Reduzir a produção de lixo ajuda a minimizar os impactos que nós exercemos sobre o meio ambiente", finalizou Kinpara.



2

Limpeza dos "campi" de Rio Branco e de Cruzeiro do Sul

Nos seis primeiros meses, a prefeitura da universidade realizou atividades de manutenção em Rio Branco e em Cruzeiro do Sul. No Juruá, por exemplo, foram executados trabalhos de substituição de reatores e lâmpadas, manutenção de bebedouros e de banheiros, além de intensificação dos serviços de limpeza. Enquanto isso, foram realizados, em Rio Branco, serviços de limpeza de calhas, manutenção de pias e torneiras, desentupimento de ralos, pintura de salas, conserto de pisos, podas de árvores nos estacionamentos, bem como a substituição de

mais de 600 lâmpadas nos corredores, saguões, biblioteca, estacionamentos e salas administrativas.

A Ufac, em parceria com o governo do Estado, fez a limpeza da lagoa que fica entre a Casa do Índio e a Unidade de Tecnologia de Alimentos (Utal), havendo a possibilidade dessa ação de limpeza ser estendida para a lagoa que fica nas imediações da horta universitária, bem como para os tanques do projeto de piscicultura.



3

Climatização das salas

Aos poucos a Ufac vai instalando aparelhos de ar-condicionado em suas salas de aula, melhorando as condições de funcionamento dos diversos cursos e, ao mesmo tempo, atenden-

do uma antiga reivindicação dos estudantes. Cursos como Educação Física, Ciências Sociais e Jornalismo já têm 100% das suas salas devidamente climatizadas.

4

Café da manhã servido no RU

A Ufac começou a servir em janeiro, no Restaurante Universitário (RU), café da manhã para os estudantes da instituição. O café é oferecido à comunidade acadêmica do campus Rio Branco, das 6h30 às 8h, ao valor de R\$ 1. O cardápio consta de café com leite e pão com margarina,

todos os dias, acompanhados, alternadamente, de ovo cozido, mingau, fruta e ovo mexido com salsicha. "É um compromisso que assumimos durante a campanha com os alunos. Trata-se de um direito básico que estamos garantindo aos estudantes", explicou o reitor.



5

Implantação de tecnologia VoIP

A instituição iniciou em fevereiro, com o apoio do Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI), o processo para implantação da tecnologia Voice Over IP (VoIP), que consiste em chamadas telefônicas com o suporte da internet. Inicialmente, os aparelhos serão implantados na Reitoria e em todas as pró-reitorias. A meta é inserir a tecnologia nos "campi" de Rio Branco e Cruzeiro do Sul. Do ponto de vista das ferramentas usadas, o processo funciona pela conexão entre dois servidores instalados nas duas cidades.

O VoIP, além de facilitar a comunicação entre as unidades separadas por um grande espaço geográfico — Rio Branco e Cruzeiro do Sul —

ainda tem o poder de diminuir os custos com os serviços telefônicos. A tecnologia já vem sendo usada em outras universidades do país, sendo que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tem sido apontada como o caso de maior sucesso. Lá, os usuários, principalmente os alunos, já têm a possibilidade de fazer ligações tanto entre as unidades da instituição quanto para outras cidades do país.

Com a implantação do VoIP, as contas telefônicas dos "campi" de Rio Branco e Cruzeiro do Sul terão uma economia de até 70%. Um dinheiro que poderá ser canalizado para outros investimentos que beneficiem a comunidade universitária em geral.

6

Novos servidores

O reitor empossou, nos primeiros seis meses de sua gestão, 153 novos servidores: 82 técnico-administrativos e 71 docentes. Para o reitor, a posse dos novos funcionários constitui um esforço da Ufac em munir a instituição de todo o aparato físico e de pessoal para atender, de for-

ma satisfatória, as demandas da comunidade. Ainda segundo ele, a Ufac precisa ser uma instituição eficiente na produção do saber, na pesquisa e em práticas bem sucedidas para o crescimento da sociedade.



7

Reunião preparatória para encontros da SBPC

A Ufac realizou no final de janeiro, 31, o primeiro Encontro Preparatório para a reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Em 2013, a Ufac sedia a 38ª Reunião Regional da SBPC (que acontece em Brasília) e, em 2014, o 66º Encontro Nacional da SBPC.

A reunião da SBPC é considerada o maior evento da ciência brasileira, reunindo, anualmente, de 10 mil a 20 mil pessoas, entre cientistas, doutores, professores, alunos e outras fi-

guras da academia, que discutem, durante uma semana, todas as grandes questões nacionais, inclusive os avanços do mundo científico.

Realizada desde 1948, com a participação de autoridades, gestores do sistema nacional de Ciência e Tecnologia (C&T) e representantes de sociedades científicas, a reunião é um importante meio de difusão dos avanços da ciência nas diversas áreas do conhecimento e um fórum de debates de políticas públicas em C&T.

Allen Ferraz/Ascom-Ufac



8

Convênio com Coppe-UFRJ para disponibilização de vagas em mestrado e doutorado

Entre outras realizações, o reitor assinou convênio com a Universidade Federal do Rio Janeiro (UFRJ) para a disponibilização de 100 vagas para mestrado e 80 vagas para doutorado nos cursos de pós-graduação do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe-UFRJ).

Pelo acordo, ficou decidido que o Coppe-UFRJ oferecerá, anualmente, 25 vagas no curso de mestrado pelo período de quatro anos, a partir de 2013, para alunos graduados prioritariamente nas áreas de Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Química, Física, Matemática, Sis-

temas de Informação e áreas afins. O instituto também disponibilizará 20 vagas no curso de doutorado pelo período de quatro anos, a partir de 2015.

Toda a infraestrutura e recursos materiais necessários serão oferecidos pelo Coppe-UFRJ para dar cumprimento às atividades de ensino e pesquisa definidas no convênio com a Ufac. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) garantirá bolsas integrais para todos os alunos de mestrado e doutorado selecionados no âmbito do programa.

Allen Ferraz/Ascom-Ufac



9

Criação de Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

O Conselho Universitário da Ufac aprovou, em janeiro, a criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proaes). A nova pró-reitoria tem a finalidade de promover políticas públicas focadas no desenvolvimento estudantil, acompanhando o estudante do início até a conclusão de seu curso na Ufac.

A Proaes irá monitorar o aluno desde sua en-

trada na instituição, com informações que podem influenciar diretamente na qualidade e na conclusão do curso. Questões socioeconômicas e pessoais que, às vezes, levam o estudante a desistir da graduação serão acompanhadas pela Proaes, por meio das diretorias e coordenadorias especializadas.

10

Novo mobiliário

A Ufac iniciou o processo de substituição do mobiliário que vinha sendo usado há anos no campus de Rio Branco, tanto nos setores acadêmicos quanto nos setores administrativos. Mesas, cadeiras e armários que se encontravam desgastados pelo tempo e em estado de conservação comprometido já estão sendo trocados por móveis novos.

Já foram substituídos cerca de 80% do mobiliário usado nas pró-reitorias e diretorias ligadas

aos setores administrativos. Nas coordenações acadêmicas e diretorias de centros ainda não foi alcançado esse percentual, mas a substituição da mobília também já foi iniciada.

No que diz respeito ao conforto da comunidade estudantil, a nova administração da Ufac também já tratou de pôr em prática duas ações: a troca das antigas carteiras de madeira por novas, feitas de material sintético, e a instalação de aparelhos de ar-condicionado nas salas de aula.

11

Obras

A Ufac conseguiu licitar, na última semana de dezembro de 2012, num esforço conjunto com o deputado federal Sibá Machado (PT-AC), as obras para a construção das salas de aula, laboratórios e sala de administração do curso de Nutrição. Também foram licitadas as construções dos blocos do curso de Educação Física em Rio Branco, das salas de aula e do setor administrativo do campus de Brasileia, bem como a construção da garagem e do almoxarifado do campus de Cruzeiro do Sul.

Os recursos investidos ultrapassam os R\$ 6,1

milhões e fazem parte de um conjunto de obras estruturais, de manutenção e de serviços que visam a garantir a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão na Ufac.

O reitor assinou ordem de serviço para construção do campus de Brasileia, intitulado Fronteira do Alto Acre. "A construção de um campus no interior é de extrema importância, não só pela geração de ciência e tecnologia, mas também pela movimentação econômica e social que produz no município", disse Kinpara.

12

Reforma da Biblioteca Central

Os usuários da Biblioteca Central da Ufac terão à sua disposição um espaço bem mais agradável para as suas pesquisas bibliográficas. Uma ampla reforma física encontra-se em andamento no setor que, em seguida, será dotado de aparelhos de ar-condicionado. Além disso, centenas de novos títulos (alguns já adquiridos e outros em fase de licitação) serão integrados ao acervo.

De acordo com o reitor, a reforma da Biblioteca Central da Ufac, cujas instalações não proporcionavam praticamente nenhum conforto, era um desejo antigo da comunidade universitária. "Todo estudante anseia desfrutar de bons serviços, principalmente no que diz respeito às condições das salas de aula, da biblioteca e do

restaurante. Por isso se fazia urgente essa reforma que, para nós, nada mais é do que uma ação de humanização do espaço universitário", explicou Kinpara.

Além da reforma física, da climatização e da aquisição de novos títulos, a Biblioteca Central da Ufac contará com outras novidades nos próximos meses. Segundo o reitor, serão instalados terminais de computadores para os usuários, que também poderão acessar uma grande variedade de periódicos eletrônicos de caráter científico, cuja assinatura encontra-se em processo de licitação. "Nós estamos investindo mais de R\$ 1 milhão para isso", frisou o reitor.

Allen Ferraz/Ascom-Ufac



13

Investimentos de R\$ 74,2 milhões para a Ufac

O reitor da Ufac, em reunião com o secretário executivo do Ministério da Educação (MEC), José Henrique Paim Fernandes, conseguiu garantir recursos no valor de R\$ 74,2 milhões para a Ufac, para ser gasto em obras prioritárias para a instituição durante o biênio 2013-2014.

As demandas apresentadas pela Ufac e aprovadas pelo MEC incluem, entre outros serviços, a construção de prédios de salas de aula e de

salas para professores; ampliação do Restaurante Universitário (RU); recuperação do sistema viário do campus Rio Branco; reforma e modernização de laboratórios; ampliação da rede de abastecimento de água e esgoto, com a construção de uma estação de tratamento; recuperação do Centro de Antropologia Indígena; construção de espaço estudantil e construção do prédio do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI).

▼ SUPERAÇÃO

Aluna deficiente visual obtém nota 10 em TCC

Trabalho realizado no Colégio Estadual Armando Nogueira analisa inclusão de aluno cego em aulas de Química

Glauco Capper/Ascom-Ufac



Lidiane dos Santos Mariano, cega de nascença, é exemplo de superação ao concluir curso de Química na Ufac

1. MÁRCIO CHOCOROSQUI
chocorosqui@ufac.br

A emoção tomou conta da sala ambiente Ana Shirley C. D'Ávila, do curso de Pedagogia da Ufac, no final da tarde do dia 13 de março. Por volta das 17h, Lidiane dos Santos Mariano era chamada para apresentar a defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a um auditório lotado pelos seus familiares e por alunos, professores e funcionários da universidade.

O trabalho "Reflexões sobre a prática pedagógica do docente cego no ensino de Química para aluno cego" já remetia o público a uma indagação: seria possível um professor cego ensinar a um aluno também cego? O que todos já sabiam é que Lidiane fazia história naquele momento como a primeira

aluna deficiente visual de nascença a formar-se pela Ufac num curso de licenciatura em Química.

Os olhares dos "videntes", como os deficientes visuais chamam as pessoas que enxergam, estavam voltados para Lidiane que, na frente da sala, começava a explicar seu trabalho, com uma dinâmica: pediu que todos utilizassem uma venda previamente distribuída. "Este *power point* foi preparado para inclusão de vocês, videntes, o que para mim é inútil", iniciou ela, referindo-se a um aparato montado para exibição de *slides*, "mas agora peço que coloquem essa venda para que cada um se sintam como se estivesse no meu lugar". Assim Lidiane abriu sua apresentação.

Metodologia e resultados do trabalho

A estudante deficiente visual do curso de Química da Ufac foi a campo para executar seu TCC. No Colégio Estadual Armando Nogueira (Cean), escola pública de ensino médio, ela analisou o processo

de inclusão em aulas de um aluno cego. Para tanto, lançou mão da metodologia de entrevistas gravadas e transcritas, feitas com o professor regente da sala, o coordenador da escola e o aluno cego, além de usar um "diário de bordo", no qual anotava, pelo sistema braile, o que acontecia nas aulas.

Lidiane falou da necessidade de adequar e preparar o material didático ao aluno cego, de capacitar os professores para o ensino especial e de providenciar um espaço adequado às aulas de inclusão. Além disso, relatou sua experiência como docente. "Eu me perdi um pouco na primeira aula que fui ministrar a um aluno cego, sentindo-me insegura; mas na segunda aula, fiquei mais tranquila, pois tinha material adaptado em braile e, assim, o aluno entendeu melhor os conteúdos da Química", comentou.

Segundo Lidiane, o aluno deficiente visual tem a capacidade de aprender, como qualquer outro, desde que recursos didáticos específicos sejam disponibilizados. Esses recursos são objetos, esculturas e o sistema braile de leitura e escrita, que proporcionam a compreensão do cego através das sensações táteis. "É possível um docente cego ensinar a um aluno também cego e a alunos videntes, com o material propício e o auxílio da escola", concluiu ela.

Uma história de vida e de superação

Lidiane dos Santos Mariano, 32 anos, natural de Rio Branco-AC, estudou em escola regular até a 4ª série. Ficou sem estudar alguns anos. Até que retomou os estudos e concluiu o ensino fundamental e médio no Centro de Educação de Jovens e Adultos (Ceja). Ela não conhecia o ensino médio e não sabia nada de Química. Mesmo assim, passou a tomar gosto pela matéria.

Em 2008, passou no vestibular da Ufac. No começo, achou tudo muito difícil. Não compreendia referências a tantos números, cálculos, fórmulas e gráficos. Então procurou ajuda de pessoas que dispunham de material didático adaptado ao ensino da Química para deficientes visuais. Foi auxiliada, nesse sentido, pelo Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI) da Ufac, além de ter acompanhamento constante de monitoria.

Para a professora Anelise Maria Regiani, orientadora de Lidiane, essa foi uma experiência única, que a fez buscar um novo significado para sua profissão. "A imagem que todos têm de um químico é a de uma figura de jaleco, em meio a tubos de ensaio, num laboratório", declarou. "Como uma pessoa cega busca uma titulação em Química? Lidiane me ensinou a olhar melhor, olhá-la e olhar os outros alunos: até que ponto compreendiam, de fato, a imagem que estavam vendo?", refletiu a professora.

E, após apresentação do seu TCC, Lidiane foi submetida à arguição, foi avaliada pela banca de professores e obteve nota dez. Ela lembrou que superou muitos obstáculos para conseguir se formar, como o preconceito de alguns colegas de seu curso. "É um sonho realizado. Agora me sinto aliviada e posso respirar melhor. Estou muito feliz", disse.

“

É um sonho realizado. Agora me sinto aliviada e posso respirar melhor. Estou muito feliz

Lidiane dos Santos
professora de Química

“

É possível um docente cego ensinar a um aluno também cego e a alunos videntes, com o material propício e o auxílio da escola

Lidiane dos Santos
professora de Química

▲ **Formada.** Lidiane dos Santos Mariano agora é professora de Química.

▼ DETERMINAÇÃO

Servidor supera desafios na Ufac

Persistência e investimento na qualificação são segredos do professor que se especializou e concluiu mestrado

Domingos José entrou na instituição como vigilante, cursou duas graduações, e tornou-se professor universitário

1 FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Aos 19 anos, no fim de 1979, recém-encerrado o serviço militar, o jovem Domingos José de Almeida Neto, sobrinho dos famosos jogadores de futebol Mozarino e Deca, além de descendente direto do “velho Domingos Preto”, pioneiro morador do bairro Seis de Agosto, conseguiu seu primeiro emprego como vendedor de peças de automóveis e tratores na empresa Comércio de Máquinas e Equipamentos (Comaq).

Três meses depois, porém, em maio de 1980, aprovado num concurso público para o cargo de vigilante da Ufac, Domingos deixou esse primeiro emprego. Nessa função, passou dois anos e meio. Terminado o segundo grau, fez um concurso interno para a função de auxiliar de biblioteca, passando da guarita de vigilância da universidade para a convivência com livros, autores e leitores.

Entendendo que a qualificação era o melhor (ou talvez o único) caminho para a ascensão profissional e, conseqüentemente, para a melhoria de vida, via escolaridade, Domingos Almeida, ao mesmo tempo em que cumpria seu expediente nas dependências da Biblioteca Central da Ufac, investia fundo nos estudos, cursando, de 1980 até 1988, duas graduações (licenciaturas, no caso): Geografia e História.

Em 1992, novo salto na carreira profissional, ao prestar concurso para professor universitário da dis-



Francisco Dandão/Ascom-Ufac

ciplina Geografia Humana. Mal iniciados os trabalhos na sala de aula, Domingos entrou numa especialização (Planejamento e Meio Ambiente), sucedendo-se, nos anos seguintes, um mestrado em História do Brasil e, nos dias que correm, um doutoramento em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

Superação de dificuldades

Dito assim, parece ter sido simples esse percurso profissional. O personagem, porém, explica que foram muitas as dificuldades. A primeira delas foi a falta de recursos da família (pai, mãe e seis irmãos). “Apesar de meu pai ter um emprego regular, como contínuo do Palácio Rio Branco, ele ganhava muito pouco, considerando-se a quantidade de almas para alimentar, vestir e calçar, o que nos colocava numa situação de muita dificuldade financeira”, disse Domingos.

“Na época em que eu era vigilante, com plantões de 12 horas, às vezes eu saía do serviço direto para a sala de aula. Uma rotina que faria a maioria das pessoas desistir. Ha-

▲ **Atualmente.** Professor Domingos, doutorando em Saneamento, Meio Ambiente e Recursos Hídricos na UFMG

via colegas que diziam coisas para me desestimular, como não saber até que ponto valeria a pena o meu esforço, levando em conta que a formação universitária não contribuiria em nada para aquela carreira”, explicou Domingos.

Mesmo depois de se tornar professor universitário, Domingos ainda teve que lutar bastante para prosseguir se qualificando, uma vez que o reitor da época tentou inviabilizar o processo. “Sem qualquer motivo aparente, o reitor negou a autorização para que eu cursasse a especialização, mas eu escrevi uma justificativa convincente e fiz o curso, o qual me abriu as portas para o mestrado”, afirmou Domingos.

Para ele, a chave do sucesso é a renovação permanente: “Se eu tivesse me acomodado, do ponto de vista da busca do conhecimento, provavelmente estivesse hoje, 33 anos depois de ter entrado na

Ufac, ainda como vigilante. Ou seja, marcando passo no mesmo lugar. Eu jamais me acomodei e penso que qualquer um pode conseguir essa ascensão funcional, desde que resolva enfrentar as dificuldades e fazer um curso superior”.

Reitor por um dia

Apesar de jamais ter sido convidado para cargos de direção, nessas três décadas como membro da comunidade universitária, por conta de sua postura sempre crítica no que diz respeito aos diversos administradores da Ufac, Domingos chegou até a ser reitor por um dia. “Foi numa colação de grau do curso de Geografia, quando todos os membros da cúpula da Ufac estavam viajando”, explicou, divertindo-se.

Além disso, eleito por alunos, servidores administrativos e colegas docentes, durante dois anos (1997 e 1998) Domingos foi chefe do Departamento de Geografia. Mas uma das realizações que lhe deu mais prazer foi a publicação do livro “Aos

trancos e barrancos: identidade, cultura e resistência seringueira na periferia da cidade de Rio Branco (1970-1980)”, baseado na sua dissertação de mestrado. “Com o livro eu consegui dar voz para personagens anônimos da história acreana”, declarou ele, orgulhoso.



Eu jamais me acomodei e penso que qualquer um pode conseguir essa ascensão funcional, desde que resolva enfrentar as dificuldades

Domingos José
professor da Ufac

Arquivo



▲ **Formatura.** Domingos preparado para conceder o grau a formandos de Geografia

Edufac comemora 10 anos

Lançamento de e-book e reformulação de logomarca são ações iniciais para celebrar uma década da editora

O e-book ‘Luzes, câmera, palavras!’ reúne artigos acadêmicos sobre cinema e pode ser adquirido gratuitamente

1 DA REDAÇÃO
ascom@ufac.br

A Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), fundada em 2003, completa dez anos em 2013. Constam em seu catálogo de publicações mais de cem obras em diversas áreas do conhecimento. São livros, cartilhas, revistas, CDs e um e-book lançado recentemente.

Intitulado “Luzes, câmera, palavras!”, esse e-book é o primeiro publicado pela editora. Trata-se de uma coletânea com dez artigos acadêmicos sobre cinema, de vários autores, e está disponível para down-

load gratuito no endereço eletrônico ufac.br/editora. O lançamento desse livro virtual culminou com a apresentação da nova logomarca da Edufac, no dia 25 de março.

► **Solenidade.** Vice-reitora Guida Aquino revela nova logomarca da editora

O diretor da editora, Gilson Mesquita, prevê outras realizações para este ano. “A Edufac planeja atividades em comemoração aos seus dez anos de existência, como publica-

ção de livros, criação de sua livraria física e on-line, realização da feira de livros da Ufac e disponibilização de livros digitais”, disse ele.

Para publicar pela Edufac é preci-

so participar dos processos seletivos que ocorrem por meio de editais. Depois, o conselho editorial avalia se o conteúdo do material inscrito enquadra-se no perfil para publicação e revisores externos emitem parecer técnico sobre a qualidade da obra.



Allen Ferraz/Ascom-Ufac



Estamos à disposição de interessados em publicar seus livros

Gilson Mesquita
diretor da Edufac

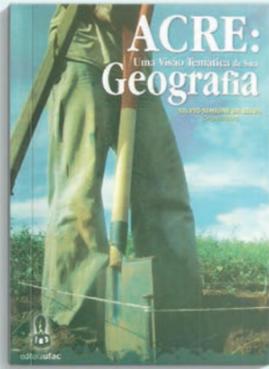


livros e
ideias

Francisco Dandão

Acre: uma visão temática de sua Geografia

Organizador: Silvio Simione da Silva
Editora: Edufac



Organizada pelo doutor Silvio Simione da Silva, professor do curso de Geografia da Ufac, é uma obra coletiva, na qual dez autores lançam seus olhares, de forma crítica e ampla, a respeito da produção do espaço acreano, no que diz respeito, principalmente, à ocupação econômica e humana.

O livro se propõe a ser uma resposta à necessidade da existência de um material que possa subsidiar professores, estudantes e a sociedade em geral nos conhecimentos e especificidades do Acre, levando em conta que os múltiplos estudos

que existem sobre a referida temática encontram-se publicados de maneira dispersa.

Segundo o organizador do livro, a pretensão dos autores ao resolver publicá-lo foi a de preencher o vazio provocado pela dispersão do conteúdo geográfico regional.

Do “manso” ao guardião da floresta

Autora: Benedita Maria Gomes Esteves
Editora: Edufac



Originalmente produzida como tese de doutorado da professora Benedita Esteves, essa é uma obra que analisa a atuação dos trabalhadores rurais da Reserva Chico Mendes, desde o início da empresa extrativista até a formação do sindicalismo rural, pontuando os tortuosos caminhos dessa trajetória de luta pela autonomia.

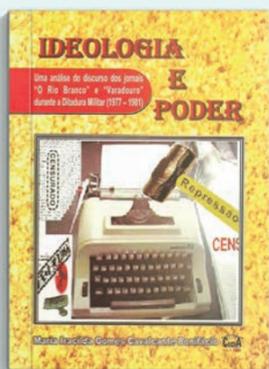
Numa linguagem instigante, tendo como elemento motivador um estudo profundo da transformação social pelo qual passou, ao longo do tempo, o sistema seringal, a autora apresenta a intervenção dos trabalhadores rurais acreanos, em cenários da floresta e da cidade, destacando a

relação sindicato versus cooperativa.

Um livro que se configura, além do mais, num documento sobre como os antigos migrantes nordestinos construíram sua saga como guardiões da floresta.

Ideologia e poder

Autora: Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio
Editora: Cida



Maria Iracilda Gomes Bonifácio mergulha na leitura dos editoriais dos jornais “O Rio Branco” e “Varadouro”, entre os anos de 1977 e 1981, na tentativa de descobrir tanto os enunciados quanto os silenciamentos circunscritos às páginas dos dois periódicos por conta da influência dos preceitos e/ou orientações emanadas da ditadura militar.

Embora circulassem outros jornais no território acreano no período escolhido para as análises procedidas, Maria Iracilda explica a escolha do objeto da sua pesquisa pelo posicionamento antagônico dos dois jornais: “O Rio Branco”, com sua linha editorial de apoio à ideologia dominante; e o “Varadouro”, em favor dos movimentos sociais.

Um livro de enorme relevância para quem quiser compreender as tramas constitutivas da relação entre os poderes político e simbólico (imprensa).



À procura do corpo perfeito

* MÁRCIO CHOCOROSQUI

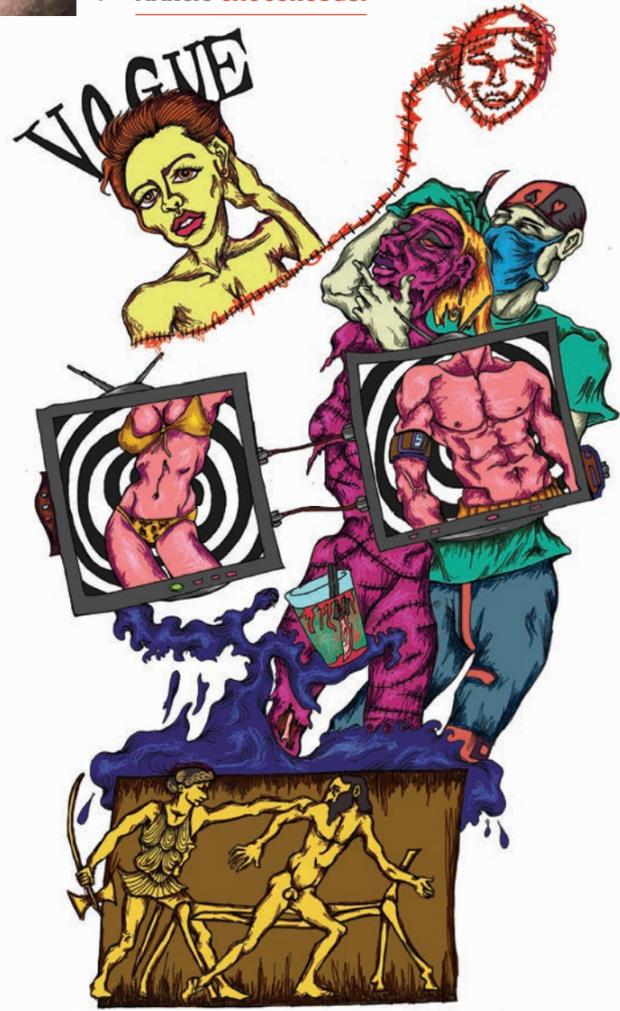


Ilustração IGOR RICARDO

O tema da reportagem é a busca da beleza. A repórter começa entrevistando uma mulher de meia-idade, uma balzaquiana, digamos. Para não ser exato, acho que orçava lá pelos seus 40 anos. “Quantas cirurgias plásticas você já fez?”, sapeca logo de cara a repórter. Por ter perdido as contas, a mulher vai colocando as mãos em partes do corpo e enumerando: oito no rosto, três nas pálpebras, duas próteses de silicone nos seios (por sinal, apalpadados e exibidos com orgulho), além de outras tantas cirurgias nas axilas, barriga e pernas.

Em alguns instantes, ela contabiliza cerca de 20 intervenções cirúrgicas a fim de buscar o que para si seria o corpo perfeito. Explica que isso começou na casa dos seus 20 anos. Queria diminuir o culote. “Uma perna ficou maior que a outra”, declara. Aí uma nova operação foi feita para corrigir a perna. Desde então, não parou mais. Aproveitando essa deixa, a repórter corta para a entrevista com um médico, que expõe sua opinião de especialista, como manda a cartilha do bom jornalismo.

Reportagens como essa povoam noticiários da TV e capas de revistas. Telespectadores e leitores já estão tarimbados no assunto. Chego a desconfiar que corro o risco de chover no molhado com este artigo. Mas, como diz o mestre e jornalista Francisco Dandão, versado nas artes das crônicas em chutes nas redes do improvável, no jornalismo em tempos de internet, assim como na natureza, nada se cria, tudo se transforma (ou se copia mesmo!). Isso posto, prossigo.

Sabe-se que há riscos para a pessoa que topa uma cirurgia plástica. Podem ocorrer infecções, sangramentos, perfuração de órgãos e hematomas. Os próprios médicos falam disso. Inclusive, chegam a embargar determinadas operações, a depender de uma avaliação das condições clínicas do paciente. Além disso, não raros casos de morte no leito de cirurgia plástica ou por complicações dela decorrentes são registrados e amplamente divulgados.

No entanto, por que essa incessante busca pelo corpo perfeito, à custa de bisturi e sangue? A psicologia explica que a mídia tem uma grande influência sobre seu público. Por isso, não é de se espantar que o padrão de beleza por ela veiculado seja a galinha dos ovos de ouro de muitas pessoas. Desse modo, homens e mulheres comuns estão cercados de anúncios que utilizam modelos esteticamente perfeitos. São as moças ou os rapazes que olham do alto dos outdoors, estão nas propagandas e novelas da TV ou nas páginas das revistas, derramando sensualidade, expondo seus rostos magníficos e corpos deslumbrantes: a repro-

dução da beleza a ser desejada.

Numa guerra contra o espelho, há pessoas (ainda jovens) que não aceitam sua imagem fora do padrão estético vigente. Ou simplesmente estão insatisfeitas com o próprio corpo. Assim, não bastam academias de ginástica, dietas, cosméticos e salões de beleza. É preciso cortar a própria carne, esticar e repuxar aqui e ali. Tudo bem que isso seja feito de forma responsável e conforme o mais alto grau de profissionalismo. Afinal, os avanços da medicina e da tecnologia devem estar a serviço da humanidade. Contudo, a recorrência ao bisturi para alterar a aparência é um problema quando se torna obsessão, passando a ser um ato inúmeras vezes repetido, sem a devida necessidade.

Agora, para dar audiência (e bancar o sabichão), mancharei estas pretensiosas linhas com sangue, contando uma historietinha macabra. Na mitologia grega, Procusto era um malfeitor que capturava viajantes para fazê-los caber numa espécie de leito de ferro. Se fossem maiores que o leito, cortava-lhes pedaços a golpes de machado. Se menores, os esticava. Metaforicamente, eu mesmo prefiro não caber no leito de Procusto. À procura do corpo perfeito? Não. Mas ainda estou à procura da batida perfeita. De limão.

* Redator e revisor de texto da Ufac; professor de Português e Literatura.



Essas e outras obras estão à venda na Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac), localizada no campus universitário Rio Branco, em bloco anexo à Biblioteca Central.

▼ DEDICAÇÃO

De estagiário a professor concursado da Ufac

Durante 5 anos de graduação em Agronomia, fez estágio no Parque Zoobotânico; após mestrado, voltou à academia

1 FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Em 1999, no primeiro semestre do curso de Agronomia, ainda sem sequer conhecer muito bem os corredores da Ufac, ele já tratou de conseguir um estágio não remunerado no Parque Zoobotânico (PZ) da instituição, permanecendo no local durante os cinco anos da graduação, em princípio no Projeto Arboreto (três anos) e depois no Laboratório de Produtos Florestais.

Depois disso, com o diploma de engenheiro agrônomo na mão, entre 2004 e 2009, além de cursar um mestrado, Tadeu trabalhou na Secretaria

Ufac Hoje — Fale, por favor, do seu início como estudante da Ufac e depois sobre suas primeiras experiências profissionais.

Tadeu Silva — Logo depois que eu entrei na universidade como aluno, em 1999, eu recebi um convite da Fabiana Mongelli, que era coordenadora do Projeto Arboreto, para me agregar ao setor como voluntário. Foi uma experiência muito bacana, porque se desenvolvia no setor atividades de pesquisa e extensão, sob a orientação de professores e técnicos. Eu passei três anos no setor e tive oportunidade de, ainda enquanto aluno, entender o que era, de fato, o fazer agrônomo, bem como o que era trabalhar com comunidades rurais. Em seguida, para minha sorte, ainda como estudante, eu passei para o Laboratório de Produtos Florestais, onde trabalhei com produtos não madeireiros. Quando me formei, em 2004, tive a oportunidade de trabalhar na Secretaria dos Povos Indígenas, onde fiquei por um ano. E depois disso, em 2005, fui para Belém, trabalhar na gestão de um projeto de recursos ambientais. Fiquei por lá quatro anos, tempo que eu aproveitei para fazer um mestrado e, paralelamente, tive a oportunidade de conhecer toda a Amazônia. Em 2009 voltei para o Acre e fui trabalhar no Centro de Trabalhadores da Amazônia. Até que em 2010 passei no concurso para professor efetivo na cadeira de Silvicultura na Ufac, o que me possibilitou, um tempo depois, assumir o cargo de subcoordenador do Projeto Arboreto, voltando, assim, ao ponto de partida da minha vida acadêmica.

Ufac Hoje — Sobre o Projeto Arboreto, professor, que atividades são essas que o setor desenvolve?

Tadeu Silva — No início da década de 1980 nasceu o Projeto Arboreto, cujo objetivo inicial era a experimentação de espécies arbóreas e frutíferas em condições de sol e de sombra. Toda a área onde hoje se localiza o Parque Zoobotânico foi usada pelo Projeto Arboreto, levando-se em conta que a Ufac, nessa época, era tão somente uma grande fazenda desmatada. A partir disso, o projeto incorporou o estudo do sistema agroflorestal, pelo qual se pratica o plantio de espécies diferenciadas. Dizendo isso em outras palavras, a associação, numa mesma área, de espécies florestais e agrícolas. Dentro disso, o Projeto Arboreto se fortaleceu e passou a trabalhar com o conceito de educação agroflorestal. Em vez de a gente falar de transferên-

cia de conhecimento, toda a experiência que foi adquirida com o experimento Arboreto foi aproveitada para que pudéssemos trabalhar com educação agroflorestal. Ou seja: produtores rurais, estudantes e técnicos que se agregaram ao projeto passaram por um processo intenso de formação, para trabalhar toda a base conceitual e prática, a fim de realizar de uma agricultura sustentável. Hoje o projeto se chama "Arboreto, Pesquisa e Extensão em Biodiversidade", abrangendo todo um leque de possibilidades social e ambiental.

Ufac Hoje — A propósito, já que você falou em agricultura sustentável, há quem diga que isso não é possível... É ou não é?

Tadeu Silva — Nós da Ufac temos conseguido, na prática, conduzir interessantes processos de sustentabilidade. O Projeto de Assentamento Humaitá, em Porto Acre, é um local em que temos trabalhado muito próximo dos produtores rurais, conduzindo todo um processo de formação agroflorestal. Hoje, no referido local, 15 anos depois de iniciarmos o nosso trabalho de educação florestal, nós temos experiências práticas, com agricultores que mudaram a sua base produtiva. Antes eles utilizavam fogo, agrotóxicos... Utilizavam práticas menos sustentáveis, mas agora utilizam práticas sustentáveis, baseados na agrofloresta. Então agora podemos dizer que o Parque Zoobotânico, através do Projeto Arboreto, foi um condutor desse processo de sustentabilidade. O Assentamento Humaitá é, por assim dizer, uma vitrine nesse sentido. Todo mundo que estuda agroecologia no Acre, em algum momento, visita o Assentamento Humaitá, cuja experiência está mais do que consolidada. Então, respondendo a sua pergunta, a agricultura sustentável é possível sim.

Ufac Hoje — E os estudantes da Ufac que participam dessa formação agroflorestal, qual é a percepção deles a respeito do processo e qual é o profissional que resulta dessa experiência?

Tadeu Silva — A academia, de modo geral, muitas vezes não oportuniza a proximidade do estudante com a prática. Nós da Ufac, felizmente, conseguimos isso. Quando colocamos o estudante para interagir com o produtor rural, o resultado disso é a formação de um profissional extremamente diferenciado. Esse profissional vai ter a capacidade de identificar as

oportunidades reais. Um estudante que é formado somente com base no cientificismo da academia, quando chega para lidar com a realidade rural, por jamais a ter vivenciado, não sabe respeitar o espaço do produtor rural, nem, muito menos, é capaz de perceber a experiência positiva que esse produtor tem. O estudante da Ufac, ao ter essa oportunidade de interagir com o produtor rural, adquire uma formação que o torna capaz de criar soluções adequadas para os problemas surgidos na localidade onde ele vai atuar. O profissional que nós formamos não vai ser um alienígena no processo de intervenção da realidade. Ele vai ser um profissional integrado.

de Povos Indígenas, em Rio Branco, e num projeto de gestão de recursos ambientais, em Belém. Em 2010, passou num concurso para professor da Ufac, voltando a trabalhar no Arboreto, agora na função de subcoordenador. Foi no intuito de contar essa experiência acadêmica e profissional que o professor Tadeu Melo da Silva recebeu a reportagem do **Ufac Hoje** num final de manhã de nuvens baixas e cinzentas, numa das salas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proaes), no campus Rio Branco, onde ele responde por uma coordenação. Os principais trechos da nossa conversa estão reproduzidos abaixo.

Ufac Hoje — Do ponto de vista econômico, político e social, como é que essas propostas de sustentabilidade empreendidas pelo Projeto Arboreto se viabilizam na prática?

Tadeu Silva — Hoje nós evoluímos para o conceito do manejo integrado da propriedade. Isso significa que, dentro da propriedade rural, todas as atividades são interligadas. Então, o roçado retroalimenta a criação de animais, enquanto que esta, por sua vez, gera subsídios para outras atividades. Essa pluralidade de atividades, dentro do sistema agroecológico, permite uma segurança econômica maior. Isso significa que num caso de evento extremo que venha a causar danos a um tipo de cultura, o produtor não tem prejuízo total, uma vez que existem outros empreendimentos que garantem sua lucratividade. Essa diversidade, além de gerar um maior equilíbrio econômico, tem ainda o poder de ajudar na questão do equilíbrio da biodiversidade.

Ufac Hoje — Os ecologistas profundos defendem a tese de que a natureza deve permanecer intocada. Como é que você vê essa posição?

Tadeu Silva — A natureza intocada tem um custo. Se a natureza permanecer intocada, alguém vai ter que pagar por isso. Então, surge a pergunta: quem vai pagar a conta de deixar a natureza intocada? Não existe, portanto, essa possibilidade. Os ecossistemas precisam ser aproveitados. O que se deve levar em conta é o fato de que esse aproveitamento não pode ser levado ao extremo. Ou seja: a humanidade precisa migrar do aproveitamento máximo para o aproveitamento ótimo. A grande questão, nesse caso,

é saber até quanto um ecossistema pode ser explorado, sem prejuízo para a sua regeneração. O caminho certo é o do meio, nem numa ponta, nem na outra da ferradura. Não se pode deixar a natureza intocada, mas também não se deve explorá-la indiscriminadamente até o seu esgotamento.

Ufac Hoje — Pois bem, Tadeu. Depois de tudo isso que você explicou, fale sobre os projetos futuros do Arboreto.

Tadeu Silva — No momento, no que diz respeito ao Arboreto, nós estamos fazendo uma avaliação dos 30 anos de atividades. Mas, genericamente falando, a nossa ideia é continuar, pelo menos num futuro imediato, a trabalhar com as comunidades rurais; continuar nessa parceria que, a nosso ver, devido aos resultados obtidos, tem dado bastante certo até aqui. Eu falei sobre o trabalho lá no Humaitá, mas é bom que se registre que a gente trabalha, também, há muitos anos, com o pessoal da Reserva Extrativista Chico Mendes, no caso, especificamente, com manejo de produtos não madeireiros.

Ufac Hoje — O Projeto Arboreto tem parceiros?

Tadeu Silva — Sim, é claro. O trabalho não seria o mesmo se não tivéssemos algumas parcerias. Um dos nossos grandes parceiros é o Instituto de Pesquisas da Amazônia, que tem uma proposta similar à nossa: fortalecer comunidades rurais amazônicas, principalmente no sentido de preparar essas pessoas para um novo cenário climático que se anuncia para o futuro. Além deles, nós estamos na perspectiva de, em breve, trabalharmos também com a empresa Floresta, que é uma entidade de reflorestamento. Se der certo, vai ser uma parceria muito bem vinda, porque eles têm a necessidade de aproveitar experiências que já tenham dado bons resultados, enquanto que nós precisamos sistematizar muitas das nossas informações.

Ufac Hoje — Para finalizar, comente um pouco a Amazônia de um modo geral, já que você teve a oportunidade de percorrê-la de uma ponta à outra. Expresse a sua visão sobre a região.

Tadeu Silva — Infelizmente, o que mais une a Amazônia é a vulnerabilidade, a pobreza. Ainda incide sobre a região uma gama de interesses econômicos desmedidos, que praticam

Tadeu Melo da Silva

Mestre em Ciências Florestais pela Universidade Federal Rural da Amazônia (Ufra), professor dos cursos de Engenharia Florestal e Agronomia da Ufac

Um bom exemplo de como a dedicação e o interesse pela pesquisa podem proporcionar a um estudante universitário uma carreira na academia.

© Natércia Damasceno./Ascom-Ufac



um tipo de exploração desenfreada e predatória, de forma muito cruel com os recursos naturais. Eu tive a oportunidade, nas minhas andanças, de visitar grandes projetos de intervenção na Amazônia e pude constatar que eles são muito drásticos, tanto do ponto de vista ambiental quanto social. A miséria ainda é um traço negativo marcante de união dos povos da Amazônia. Por outro lado, eu destacaria como ponto de união positivo o caráter de resistência do amazônida. Em qualquer ponto da Amazônia que você chegue, sempre vai encontrar pessoas com experiências muito interessantes de gestão dos seus recursos naturais, a partir da prática de estratégias para a sua sobrevivência. Para mim, isso é uma coisa muito positiva na Amazônia.

Historiador estuda o Acre como terra de degredados

Pesquisa da área de História revela que, no começo do século 20, o Acre foi usado como terra para abrigar os inimigos do poder

Francisco Dandão/Ascom-Ufac



▲ **Doutorado.** Francisco Bento é professor do curso de História da Ufac

Autor da tese, Francisco Bento, diz que desterro era 'profilaxia social da capital da República usada pelo governo'

FRANCISCO DANDÃO
fdandao@gmail.com

Aproximadamente 2 mil pessoas que participaram das revoltas da Vacina (1904) e dos Marinheiros (1910) foram enviadas pelo governo federal, na primeira década do século 20, do Rio de Janeiro para o Acre, como forma de castigo pelo confronto com o poder vigente. Todas foram desterradas como criminosos políticos e não como condenados pela justiça.

Local distante, praticamente despovoado e isolado, o Acre se configurava um lugar perfeito para receber e manter a distância aqueles "rebeldes" que se insurgiam contra as determinações dos mandatários da República. Tão distante, vazio e isolado era o então Território do Acre naquele tempo que a imprensa da época o chamava de "Sibéria do Brasil".

Foi sobre esse fato que se debruçou o professor Francisco Bento da Silva, do curso de História da Ufac, para produzir uma tese de doutorado, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Medeiros de Lima, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob o título "Acre, a 'pátria dos proscritos': prisões e destertos para as regiões do Acre em 1904 e 1910".

"O meu interesse por esse tema", explicou o professor Francisco Bento, "surgiu exatamente após não encontrar nada mais aprofundado

sobre os destertos republicanos na historiografia brasileira quando li a literatura que lida com a temática das revoltas da Vacina e da Chibata, ambas ocorridas no Rio de Janeiro, então capital da República".

"Então", continuou Bento, "a partir dessa falta de dados, procurei fontes que pudessem expor alguns aspectos obscuros relacionados às referidas revoltas. E aproveitei também para discutir os significados e as percepções das punições impostas aos desterrados, bem como os sentidos simbólicos e práticos de serem enviados para os confins da Amazônia".

"Sucintamente", ainda no dizer de Francisco Bento, "o que eu concluí foi que o desterro era uma espécie de profilaxia social da capital da República usada pelo governo, cujo instrumento para efetivar tal medida foi o estado de sítio. A ideia, ao mandar os desterrados para tão longe, era fazer com que eles desaparecessem tanto física quanto metaforicamente".

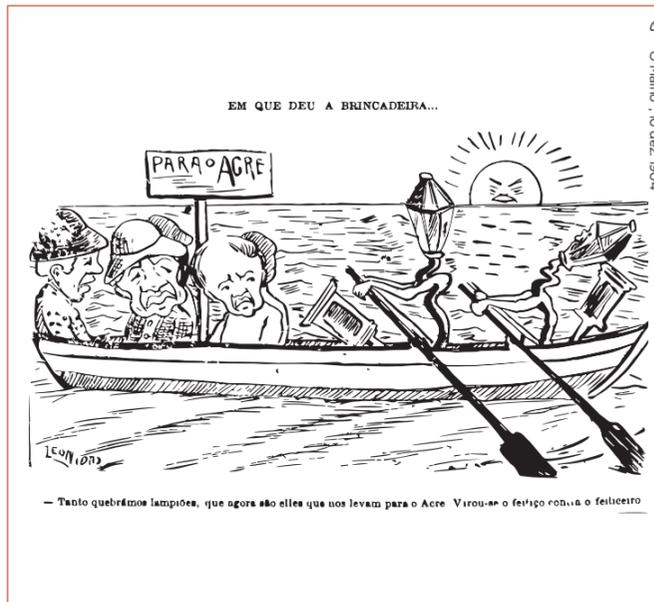
O fio condutor da narrativa

Para desenvolver a contento o argumento da sua tese, o professor Francisco Bento precisou escrever seis capítulos, divididos em três grandes partes, com os seguintes eixos temáticos: "Cenas e cenários — O Rio de Janeiro das Bernardas e dos destertos"; "Cenas e cenários — As viagens e os navios"; "Cenas e cenários — Os desterrados na Amazônia".

Na primeira parte, composta por dois capítulos, com ênfase na questão das revoltas republicanas e na

“

procurei fontes que pudessem expor alguns aspectos obscuros relacionados às referidas revoltas. E aproveitei também para discutir os significados e as percepções das punições impostas aos desterrados, bem como os sentidos simbólicos e práticos de serem enviados para os confins da Amazônia”.



"O Malho", 10 dez. 1904



"Gazeta de Noticias", 26 nov. 1904

Regeneração dos degredados não preocupava as autoridades acreanas

Embora no discurso oficial o desterro dos "inimigos do regime" devesse servir para regenerá-los, isso não se configurava na prática, de acordo com o professor Francisco Bento: "A fala de um delegado local quando do delito de um desses desterrados, chamando-os de 'chusma de vagabundos', é sintoma desse fator".

O que de fato parece ter acontecido, para muito além de algum tipo de processo de regeneração social, de acordo com o argumento de Bento, "foi uma ação do Governo para livrar-se de homens e mulheres considerados indesejados para o funcionamento da República, mandando-os para as lonjuras quase inacessíveis do Acre Federal".

Mas Bento fez questão de afirmar que o seu trabalho não é conduzido de maneira a tentar redimir os desterrados ou de tratá-los como mártires que a República despejou nas regiões do Acre. "A ideia foi somente a de deslocar os sentidos dos destertos daqueles dados pelos governos republicanos no início do século 20", garantiu o professor.

No fim das contas, o que parece certo, no dizer de Bento, é que os destertos republicanos da primeira década do século passado "revelam, em grande medida, as mudanças, permanências e remodelações pelas quais passaram determinadas punições, cujas características são expressas nas expulsões de pessoas para locais considerados distantes".